

Sermão 010

O julgamento de Salomão.

Santo Agostinho

Análise

Santo Agostinho se propõe mostrar o sentido alegórico dessa memorável história.

As duas mulheres que reivindicam a criança sobrevivente designam, primeiramente, a Sinagoga e a Igreja, que pretendem ser, ambas, mães de Jesus Cristo.

Elas lembram também os cristãos sinceros e os cristãos hipócritas. Enquanto estes só têm em vistas os bens temporais, os outros sacrificam tudo __ a própria honra, a honra humana __ pelas necessidades da caridade.

Esta é uma alusão manifesta à nobre conduta dos bispos católicos que se mostraram dispostos a deixar suas sedes para extinguir o cisma dos donatistas.

01 – O sábio juízo de Salomão

Duas mulheres disputam uma criancinha e a Escritura conta, no Livro dos Reis, que Salomão pronunciou uma sentença admirável.

Esta é a história:

Vieram duas prostitutas apresentar-se ao rei.

Uma delas disse: “Ouça, meu senhor. Esta mulher e eu moramos na mesma casa e eu dei à luz junto dela no mesmo aposento. Três dias depois, ela também deu à luz.

“Ora, nós vivemos juntas e não havia nenhum estranho conosco nessa casa, pois somente nós duas estávamos ali. Durante a noite morreu o filho dessa mulher, porque o abafou enquanto dormia.

“Levantou-se ela então, no meio da noite e, enquanto a serva dela dormia, tomou o meu filho que estava junto de mim e o deitou em seu seio, deixando no meu o seu filho morto.

“Quando me levantei pela manhã para amamentar o meu filho, encontrei-o morto, mas, examinando-o atentamente à luz, verifiquei que não era o filho que eu dera à luz”.

“É mentira!”, replicou a outra mulher, “o que está vivo é meu filho; o seu é que morreu”. A primeira contestou: “Não é assim; o seu filho é o que morreu, o que está vivo é o meu”. E assim disputavam diante do rei.

O rei disse então: “Você diz: ‘é o meu filho que está vivo e o seu é o que morreu’; e você replica: ‘não é assim; é o seu filho que morreu e o meu é o que está vivo’”.

“Vejamos” __ continuou o rei __ “tragam-me uma espada”. Trouxeram ao rei uma espada.

“Cortem pelo meio o menino vivo” __ disse ele __ “e deem metade a uma e metade à outra”.

Mas a mulher, mãe do filho vivo, sentiu suas entranhas enternecerem-se e disse ao rei: “Eu lhe imploro, meu senhor, que dê a ela o menino vivo; não o mate”. A outra, porém, dizia: “Ele não será nem seu, nem meu; que seja dividido!”

Então o rei pronunciou o seu julgamento: “Deem” __ disse ele __ “o menino vivo a essa mulher” __ referindo-se à mulher que havia dito: “Dê o menino vivo” __ “Não o matem, pois é ela a sua mãe”¹.

A divina prudência do rei Salomão resplandece neste julgamento de brilho admirável.

Qual das duas mulheres podemos ou devemos olhar como sendo a verdadeira mãe da criança, se não é aquela que o concebeu, em um certo sentido, novamente, quando ela viu que o haviam levado, que novamente sofreu por ele as dores do parto, quando o defendeu de sua rival e que novamente o colocou no mundo, não permitindo que fosse partido ao meio?

No entanto, como os livros do Antigo Testamento, ao relatarem fielmente um fato acontecido, têm o hábito de mostrar alguma profecia misteriosa, consideremos se as duas mulheres tratadas aqui significam ou simbolizam alguma coisa.

¹ 1 Reis 16-27.

02 – As duas mulheres simbolizam a Sinagoga e a Igreja.

As duas mulheres representam, primeiramente, a Igreja e a Sinagoga.

A Sinagoga não está convencida de ter destruído Cristo, seu filho segundo a carne, já que ele nasceu dos judeus? Ela o fez perecer enquanto dormia, ou seja, quando, se deixando arrastar pelas falsas luzes desta vida, ela não viu a verdade no ensinamento do Senhor.

Mas, está escrito: *Desperta, tu que dormes! Levanta-te dentre os mortos e Cristo te iluminará*².

Se elas eram duas e viviam sozinhas na mesma casa, não é porque, em todo o mundo, em matéria de religião, só há a Circuncisão e a Gentilidade?

Uma delas então representava o povo judeu, reunido sob a Lei e no culto a um só Deus. A outra designava todos os gentios, dedicados à adoração aos ídolos. Ambas eram cortesãs, pois os judeus e os gentios, diz o Apóstolo, estavam igualmente sob o peso do pecado³ e toda alma que abandona a eterna verdade, para se manchar nos prazeres da terra, é uma verdadeira prostituta aos olhos de Deus.

É evidente que a Igreja que se formou no seio da gentilidade prostituída não levou à morte Cristo. Mas, como podemos dizer que ela seja a mãe de Cristo? Precisamos examinar.

² Efésios 5: 14.

³ Cf. Romanos 3: 23. *Todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus.*

Pense então no Evangelho e escute o Senhor. Ele disse lá: *Todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe*⁴.

Essa mãe não sufocou seu filho durante o sono, mas pôde levá-lo cheio de vida e colocá-lo no lugar de uma criança morta. De que maneira ela dormia?

O sacramento da circuncisão era como que a morte para os judeus, que o viam carnalmente. O sacramento da circuncisão não era vivo para aqueles infelizes que tinham levado à morte Cristo, a vida de todos os sacramentos, pois, para tirar dali a vida, é preciso compreender em um sentido espiritual o que fazia de uma maneira visível esse sacramento da circuncisão, que era então como um corpo sem alma.

Ora, os judeus queriam levar para a circuncisão os gentios convertidos a Cristo, como está escrito nos Atos dos Apóstolos. Eles asseguravam que era impossível serem salvos sem a circuncisão⁵. Mas, eles só tiveram sucesso com aqueles que ignoravam a Lei.

Isto não é se aproveitar das trevas da noite, para substituir a criança morta? E a parte da Igreja dos gentios que se deixou convencer não estava como que adormecida pelo sono da irracionalidade?

⁴ Mateus 12: 50.

⁵ Atos 15: 1.

Assim, o Apóstolo pareceu despertá-la desse sono, quando clamou: *Ó insensatos gálatas! Quem fascinou vocês? Depois de terem começado pelo Espírito, querem agora acabar pela carne?*⁶

É como se ele dissesse: “Vocês são tão insensatos assim, para, depois de terem recebido um sacramento espiritual e vivo, fazerem sacrifícios, para receberem, de estranhos, um sacramento sem vida?”

Foi, de fato, o mesmo Apóstolo que disse, em outro lugar: *O Espírito vive pela justificação*⁷ e também: *A sabedoria da carne é a morte, enquanto a sabedoria do espírito é a vida e a paz*⁸.

Estas palavras e outras despertaram aquela mãe. A luz da manhã tocou seus olhos, quando a palavra de Deus, ou seja, o Cristo que se levantava ou que falava em Paulo, dissipou as sombras da Lei.

Não foi dissipá-las, clamar: *Vocês que querem estar sujeitos a uma lei: não ouviram a Lei? A Escritura diz que Abraão teve dois filhos, um da escrava e outro da livre. O da escrava, filho da natureza e o da livre, filho da promessa. Nestes fatos há uma alegoria, visto que aquelas mulheres representam as duas alianças: uma, a do monte Sinai, que gera para a escravidão, é Agar. O monte Sinai está na Arábia. Corresponde à Jerusalém atual, que é escrava com seus filhos. Mas a Jerusalém lá do alto é livre e esta é a nossa mãe*⁹?

⁶ Gálatas 3: 1 e 3.

⁷ Romanos 8: 10.

⁸ Romanos 8: 6.

⁹ Gálatas 4: 21-26.

As obras mortas fazem morrer e as obras espirituais fazem viver. É de se espantar então que a morte pertença à Jerusalém daqui de baixo e que vivo esteja o cidadão da Jerusalém do alto?

O lugar dos mortos, o inferno, não fica embaixo? A pátria dos vivos, o céu, não fica no alto?

Sob esta luz, como a luz da manhã, a Igreja vê o prêmio da graça espiritual. Assim, ela rejeita, como o filho morto da estranha, as obras carnis da Lei e reivindica para ela a fé viva, aquela pela qual vive o justo, como está escrito¹⁰. Ela a obteve em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Assim, ela reconhece com certeza o filho de três dias e só sofre quando ele é raptado.

03 – A graça do Evangelho não provém dos judeus.

Que a Sinagoga clame agora que o Evangelho é para ela, que ele é devido a ela e que é como se ela o tivesse gerado. Isto é o que diziam aos gentios, no meio de debates, os judeus carnis que ousavam se proclamar cristãos. Eles afirmavam que tinham merecido o Evangelho por causa de suas obras de justiça.

Mas, ele não lhes pertencia, pois eles não o entendiam em um sentido espiritual. Desta forma, ao se pretenderem cristãos, eles só se glorificavam de um título que não era seu e, como aquela mulher que

¹⁰ Cf. Romanos 1: 17. *O justo viverá pela fé.*

reclamava o filho que não tinha colocado no mundo, eles ousavam se queixar.

Após terem excluído todo significado espiritual das observâncias legais e terem assim feito desaparecer a alma; após terem extinguido o espírito de vida nos oráculos dos profetas, eles só ficaram com as obras mortas, ou seja, com as obras que não entendiam em um sentido espiritual e que queriam que os gentios as adotassem para levarem o título de cristãos, como um filho cheio de vida.

O Apóstolo os refuta da seguinte maneira e de acordo com seu ensinamento. Eles têm menos direito à graça cristã quanto mais eles a reivindicam com orgulho como ela sendo devido às suas obras. Ele diz:

*O salário não é gratificação, mas uma dívida ao trabalhador. Mas aquele que, sem obra alguma, crê Naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada em conta de justiça*¹¹.

É por isso que ele os separa dos judeus que tinham acreditado e que se prendiam à fé viva e espiritual. Ele diz que estes são o resto salvo do povo judeu, quando a multidão se perdeu.

Ele diz: *É o que continua a acontecer no tempo presente: subsiste um resto, segundo a eleição da graça. E se é pela graça, já não o é pelas obras; de outra maneira, a graça deixaria de ser graça*¹².

Ele quer assim excluir da graça os soberbos que reivindicam o Evangelho como uma recompensa devida e concedida por suas obras.

¹¹ Romanos 4: 4 e 5.

¹² Romanos 11: 5 e 6.

A Sinagoga parecia clamar: “É meu filho!” Mas ela mentia. Ela também o recebeu, mas ela o levou à morte enquanto dormia, ou seja, com sua orgulhosa razão.

No entanto, a verdadeira mãe já tinha acordado. Mulher de má vida, ela compreendeu que não foi por causa de seus méritos, mas unicamente pela graça, que Deus lhe havia concedido um filho: o dom de viver segundo a fé do Evangelho, que ela desejava fazer viver em seu coração.

Assim, uma buscava a glória humana, ao se apropriar de um filho que não era dela e a outra conservava para seu filho todo o afeto do seu coração.

04 - O bem máximo é a unidade da Igreja.

O que nos ensina o julgamento pronunciado pelo rei sobre aquelas duas mulheres?

Evidentemente que lutar pela verdade; a repelir a hipocrisia, como a de uma falsa mãe que quer se jogar sobre o filho de outra, sobre os dons espirituais da Igreja; a não permitir que, incapaz de conservar a graça que lhe foi concedida, ela receba o poder de dispensá-la aos fiéis.

Essa proibição e esse combate não devem, no entanto, chegar até o cisma. Ao ordenar dividir a criança, Salomão não rompe a unidade; ele testa o amor materno.

O nome deste rei, em nossa língua, significa *pacífico*. Este rei não reduz a pedaços os membros cuja unidade e concórdia mantém o espírito de vida. Com sua ameaça, ele descobre qual é a mãe verdadeira e com sua sentença ele afasta aquela que não o é.

Se então, algumas vezes estamos expostos a ver algumas vezes se quebrar a unidade da graça cristã, aprendamos a dizer: “Dê-lhe a criança! Que pelo menos ele viva”.

Uma mãe verdadeira não busca sua própria honra, mas a salvação do seu filho. O amor puro que carrega essa mãe faz com que esse filho seja ainda mais dela. Em qualquer lugar que seja, que ele não pertença àquela que se apoderou dele.

05 – Até o filho do pecado é um dom de Deus.

Essas duas mulheres em uma mesma casa representam também, eu vejo, duas classes de pessoas na mesma Igreja; em uns reina o verdadeiro amor e em outros domina a hipocrisia.

Podemos considerar também como duas mulheres a caridade e a dissimulação, que não é outra coisa além da imitação mentirosa da caridade. Assim, o Apóstolo recomenda evitá-la. Ele diz: *Que vossa caridade seja sem dissimulação*¹³.

¹³ Romanos 12: 9. *Dilectio sine simulatione.*

Elas moram na mesma casa na medida em que as redes evangélicas ainda estão no mar, na medida em que elas prendem os peixes bons e os ruins que são arrastados para a praia¹⁴.

Cada uma deles, no entanto, age de uma maneira. Ambas levavam uma má vida, pois não há ninguém que renuncie ao amor ao mundo, para se ligar à graça de Deus, que possa realmente se vangloriar dos méritos adquiridos anteriormente.

Se uma mulher se abandona ao crime, isto é mérito dela; se ela tem um filho, isto é devido a Deus. Todas as pessoas são formadas pelo mesmo Criador e não é de se espantar que Deus tire o bem do pecado humano. Não foi da horrível traição de Judas que Nosso Senhor fez jorrar a salvação do gênero humano?

Mas aqui, que diferença! Quando Deus tira o bem do mal, geralmente isto acontece a despeito do culpado. Este, ao pecar, não tinha em mente a justiça que a divina Providência fez jorrar do seu pecado. Judas não entregou o Salvador com a intenção que levou Cristo a se entregar. Além disso, quando o pecador percebe o efeito que provocou seu ato e que foi além dos seus propósitos, ele mais se aflige do que se regozija com isso.

Assim, um miserável quer dar veneno a um inimigo seu doente. Mas, ele se engana e lhe dá um remédio saudável, invés do veneno.

¹⁴ Cf. Mateus 13: 47 e 48. *O Reino dos céus é semelhante ainda a uma rede que, jogada ao mar, recolhe peixes de toda espécie. Quando está repleta, os pescadores puxam-na para a praia, sentam-se e separam nos cestos o que é bom e jogam fora o que não presta.*

Deus quis, em sua bondade, fazer sair a saúde do crime e curar o doente. Mas o culpado, ao saber da cura, sofre com aquilo que ele involuntariamente propiciou.

Não acontece, pelo contrário, de uma mulher de má vida ficar feliz por ter concebido um filho e de evitar prejudicá-lo, sem levar em conta sua paixão pelo desejo de um salário vergonhoso e nem pelos embaraços que lhe causa a fecundidade?

Chamamos então de amor e não de cobiça, essa cobiça que se dá a todos e que se liga agora à criança que Deus lhe deu. Podemos ver então a graça concedida à pecadora.

Mas, é preciso o perdão dos pecados, para que o ser humano novo nasça da ignomínia do velho ser humano.

06 – Na Igreja o mal entrou posteriormente.

Pense, por exemplo, em todos os discípulos do Senhor. Todos foram escolhidos entre pecadores. No entanto, foram escolhidos aqueles que deveriam perseverar na caridade, antes de ser escolhido o hipócrita Judas.

A história não diz em que ordem este último foi chamado. É certo, no entanto, que os bons foram escolhidos antes dele e se ele é citado por último, não é sem motivo¹⁵.

¹⁵ Cf. Mateus 10: 1-4.

O Espírito Santo, depois da Ascensão do Senhor, foi enviado como tinha sido prometido e ele se espalhou em todos aqueles que ele encontrou reunidos no cenáculo. Assim, os primeiros membros eram bons e sua caridade era sem dissimulação.

Somente mais tarde a hipocrisia se revelou, através de suas obras, no seio da sociedade cristã. Foi por isso que a caridade gerou primeiro e durante três dias seu fruto se desenvolveu o suficiente para que se pudesse ver nele a continência, a justiça, a espera dos bens futuros.

A dissimulação também gerou, por sua vez. Em outras palavras, ela se rejubilou no momento do perdão de seus pecados, mas logo, como que abatida pelo sono do amor ao mundo, ela se afasta da esperança pelas recompensas celestes, deixa seu coração pesaroso se curvar para o repouso na terra e, como que adormecida então, ela sufoca o perdão que tinha merecido com sua fé.

Essas pessoas preferem, à realidade, o nome da justiça e, com sua falsidade escondida, como que ajudadas pelas trevas da noite, elas tentam se atribuir mentirosamente o filho vivo, os méritos alheios. Não contentes em reivindicar as boas obras alheias, elas chegam até a reprovar seus irmãos por suas próprias faltas. Isto não é substituir o filho morto?

07 – As duas fases da Igreja.

Em que época a dissimulação poderá, sem obstáculo, se glorificar sob o nome mentiroso de justiça; se atribuir, por orgulho, o título usurpado da mãe e as obras espirituais e vivas que ela não produziu, que ela não concebeu e que, no entanto, depois sufocou, sob o peso de um sono cruel; acusar, enfim, os bons e os inocentes, pelos crimes cometidos por ela?

Em que época a dissimulação reinará assim? Não será na época em que a iniquidade abundará, ou seja, em que as obras das trevas prevalecerão, com a ajuda da escuridão de uma noite sombria e em que a caridade de muitos se esfriará¹⁶, ou seja, em que a mãe das obras espirituais dormirá, como dormiu a mãe do filho vivo?

Esse esfriamento da caridade será uma diminuição do ardor, pois não está dito que ela se extinguirá, que ela não existirá mais. Assim, a mãe da criança dormiu sem fazer perecer o filho. No entanto, ela abriu espaço para os fingimentos da dissimulação.

Mas, ao despertar, ela ouvirá os ímpios lhe reprovarem a impiedade que é obra deles e não dela. Ela verá a dissimulação se glorificar pelas obras espirituais da graça que ela mesma conservou com cuidado, se dizer a mãe das boas obras e até acusá-la de injustiça. Então, ela implora a ajuda do Juiz Pacífico, do verdadeiro Salomão.

¹⁶ Cf. Mateus 24: 12. *Ante o progresso crescente da iniquidade, a caridade de muitos esfriará.*

Salomão emite duas sentenças. A primeira parece demonstrar que ele ignora a verdade, mas a segunda prova que ele a pronuncia com um perfeito conhecimento. A primeira propõe o combate pela piedade e a segunda entrega a coroa ao vencedor. Na primeira se revela a verdadeira mãe e na segunda ela é cumulada de alegria. Na primeira ela abandona chorando o fruto de suas entranhas e na segunda ela recolhe seus feixes com uma viva alegria¹⁷.

Isto é uma alusão à vida na Igreja em dois tempos em que reina Nosso Senhor Jesus Cristo, o Juiz Pacífico. Um é o tempo presente e o outro é o futuro. Um é o tempo das provas e o outro é o tempo da coroação.

08 – Colocar a unidade da Igreja na frente da própria honra.

Mas a caridade não poderia se revelar de uma maneira mais impactante na Igreja, do que ao desprezar a honraria humana, para não dividir os membros da criança e não dilacerar os cristãos fracos, ao dilacerar a unidade.

¹⁷ Cf. Salmo 125: 5 e 6. *Os que semeiam entre lágrimas, colherão com alegria. Na ida, caminham chorando, os que levam a semente a semear. Na volta, virão com alegria, quando trouxerem os seus feixes.*

O Apóstolo, de fato, diz que foi uma mãe para os pequeninos de Cristo¹⁸, no meio dos quais ele espalhou a boa semente do Evangelho. Não ele, no entanto, mas a graça de Deus nele¹⁹.

Aquela cortesã só tinha de dela os pecados; sua fecundidade era um dom de Deus. Dom que ela devia atribuir ao Benfeitor na mesma medida em que ela só merecia o suplício.

Desta forma, o Senhor disse dela, com razão: *Seus numerosos pecados lhe foram perdoados, porque ela tem demonstrado muito amor*²⁰.

O Apóstolo Paulo diz então: *Nós nos fizemos discretos no meio de vós. Como a mãe a acariciar os seus filhinhos*²¹.

Mas, quando, ao buscar uma glória que não lhe é devida, a dissimulação expõe a criança a ser partilhada e não teme romper a unidade, para conservar todos os membros e a vida de seu filho, a mãe sabe então desprezar sua honra pessoal.

Não poderia acontecer de, ao reivindicar com muita teimosia sua glória de mãe, ela dar motivos para a dissimulação dividir pela espada os membros delicados do recém-nascido? Que ela diga então, com seu afeto maternal: “Dê-lhe a criança! *Não faz mal! Contanto que, de todas as maneiras, por pretexto ou por verdade, Cristo seja anunciado*²²”.

¹⁸ Cf. 1 Tessalonicenses 2: 7. *Nós nos fizemos discretos no meio de vós. Como a mãe a acariciar os seus filhinhos. Assim, em nossa ternura por vós, desejávamos não só comunicar-vos o Evangelho de Deus, mas até a nossa própria vida, porquanto nos sois muito queridos.*

¹⁹ Cf. 1 Coríntios 15: 10. *Tenho trabalhado mais do que todos eles. Não eu, mas a graça de Deus que está comigo.*

²⁰ Lucas 7: 47. *Remittuntur ei peccata multa, quoniam dilexit multum.*

²¹ 1 Tessalonicenses 2: 7.

²² Filipenses 1: 18.

Não é esta caridade que clama em Moisés: *Rogo-vos que lhes perdoeis agora esse pecado! Senão, apagai-me do livro que escrevestes*²³?

É a dissimulação, pelo contrário, que diz, através da boca dos fariseus: *Se o deixarmos proceder assim, todos crerão nele e os romanos virão e arruinarão a nossa cidade e toda a nação*²⁴. O que ambicionavam esses fariseus não era serem justos, mas parecerem justos. Eles queriam obter através da mentira o que só é devido à justiça.

Deus permitiu, no entanto, que a dissimulação que reinava neles se sentasse na cadeira de Moisés e o Senhor pôde ensinar: *Observai e fazei tudo o que eles dizem, mas não façais como eles, pois dizem e não fazem*²⁵. Ele quis que gozassem de uma consideração imerecida e que alimentassem os pequeninos e os fracos com a verdade das Escrituras.

Da própria dissimulação vem o crime de ter sufocado, com o peso do seu sono, o novo ser humano que tinha recebido da graça divina. O leite da fé está nela, sem ter vindo dela, pois, após a morte do seu filho, símbolo da vida nova, a dissimulação, apesar de seus maus costumes, conserva em sua memória, como fecundos seios, os ensinamentos da fé e da doutrina que Cristo faz distribuir a todos aqueles que se aproximam da Igreja e a própria madrasta podia dar esse leite da verdade ao filho estranho que prendia em seu seio.

²³ Êxodo 32: 32.

²⁴ João 11: 48.

²⁵ Mateus 23: 3.

O que tranquiliza a mãe verdadeira é que os hipócritas, mesmo na Igreja, alimentam seu filho com o leite da fé católica e das divinas Escrituras; é que, ao se opor à partilha, ela conservou a unidade; é que, a última sentença do juiz, emblema do julgamento supremo de Cristo, ressaltou sua caridade, a caridade que não teme ceder perante a dissimulação, para conservar a vida do filho e fortalecer a unidade, para manter nele o amor vivificante e os pios abraços de sua mãe, para lhe assegurar, enfim, o desfrute de sua felicidade eterna.



Créditos

Traduzido de *Œuvres complètes de Saint Augustin*. Bar-Le-Duc: Abade Raulx Editor, 1866, por Souza Campos, E. L. de.

© 2019 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Conteúdo

Sermão 010	1
Análise	1
01 – O sábio juízo de Salomão	1
02 – As duas mulheres simbolizam a Sinagoga e a Igreja	4
03 – A graça do Evangelho não provém dos judeus.	7
04 - O bem máximo é a unidade da Igreja.	9
05 – Até o filho do pecado é um dom de Deus.	10
06 – Na Igreja o mal entrou posteriormente.	12
07 – As duas fases da Igreja.....	14
08 – Colocar a unidade da Igreja na frente da própria honra.	15
Créditos.....	19
Conteúdo.....	20